



ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA
DO ESTADO DE MINAS GERAIS

CONCURSO PÚBLICO
Edital n. 01/2007 – ALMG

**ANALISTA LEGISLATIVO
REDATOR REVISOR**
Código 238

**CADERNO 1
ORIENTAÇÕES PARA A PROVA DISCURSIVA**

1. Este caderno contém as orientações para a Prova de Conhecimentos Específicos do Cargo e da Especialidade acima registrados, prova esta composta de **6 (seis) questões discursivas**.
2. Preencha com cuidado, **A TINTA**, o talão de identificação que se encontra no **Caderno 2** da Prova Discursiva:
 - transcreva o seu número de inscrição,
 - escreva seu nome em letra de forma,
 - assine no lugar apropriado;
 - escreva o número do seu Documento de Identidade.
3. **NÃO SE IDENTIFIQUE NAS FOLHAS DE RESPOSTAS DA PROVA DISCURSIVA.**
4. A prova que apresentar qualquer sinal ou que contiver expressão que possibilite a identificação do candidato **será anulada** e a ela se atribuirá a nota **0 (zero)**.
5. Ao finalizar, entregue o caderno da Prova Discursiva contendo a folha de identificação e suas respostas ao aplicador.

Atenção: **não destaque** a folha de identificação.

6. Ao término do tempo previsto para a duração da prova, o envelope contendo as folhas de identificação e as respostas dos candidatos será devidamente lacrado.

SÓ ABRA QUANDO AUTORIZADO.

TEMPO TOTAL DE DURAÇÃO DA PROVA: QUATRO HORAS.



FUNDEP
Fundação de
Desenvolvimento
da Pesquisa

ERRATA

REDATOR REVISOR / 238

NO CADERNO 1 – INSTRUÇÕES

ONDE SE LÊ:

3. O valor total dessa prova é **120 (cento e vinte) pontos**, sendo o valor de cada questão **20 (quinze) pontos**. Na sua correção, será considerada a observância da norma padrão da língua portuguesa nos termos previstos no item 19.1.2.1 do Edital.

TABELA VII - INOBSERVÂNCIA DA NORMA PADRÃO

Item 7, subitem 7.5.2 do Edital.

Itens		Desconto (por erro)
Ortografia (inclusive acentuação gráfica)	(O)	Até 0,5 ponto
Sintaxe (regência, concordância, colocação pronominal)	(S)	Até 1,0 ponto
Pontuação	(P)	Até 0,5 ponto
Estruturação de Período – coerência e coesão	(EP)	Até 1,0 ponto
Propriedade de Vocabulário	(PV)	Até 0,5 ponto

TABELA VIII – LIMITES DE DESCONTO (adaptado)

Item 7, subitem 7.5.3 do Edital.

Cargo/Especialidades	Limite máximo de desconto por erros decorrentes da inobservância da norma padrão da Língua Portuguesa
Analista Legislativo:	20 (vinte) pontos
Redator Revisor	

[...]

LEIA-SE:

3. O valor total dessa prova é **120 (cento e vinte) pontos**, sendo o valor de cada questão **20 (vinte) pontos**. Na sua correção, será considerada a observância da norma padrão da língua portuguesa nos termos previstos nos itens 39.2 e 39.2.1 do Edital.

TABELA XXIX - INOBSERVÂNCIA DA NORMA PADRÃO

Erro		Desconto (por erro)
a) de ortografia (inclusive acentuação gráfica)	(O)	1 ponto
b) de sintaxe (regência, concordância, colocação pronominal)	(S)	1,5 pontos
c) de pontuação	(P)	1 ponto
d) de impropriedade ou inadequação de Vocabulário	(IV)	1 ponto

INSTRUÇÕES

1. Leia cuidadosamente as questões e responda-as com caneta de **tinta azul** ou **preta**, letra **legível**, no **Caderno 2** da Prova Discursiva, observando a numeração de cada questão e a quantidade de linhas solicitada.
2. A versão definitiva das respostas ou a sua transcrição (caso tenham sido feitas em rascunho) deverá ser registrada no espaço próprio do **Caderno 2** que contém a folha de identificação.
3. O **valor total** dessa prova é **120 (cento e vinte) pontos**, sendo o valor de cada questão **20 (vinte) pontos**. Na sua correção, será considerada a observância da norma padrão da língua portuguesa nos termos previstos no item 19.1.2.1. do Edital.

TABELA VII - INOBSERVÂNCIA DA NORMA PADRÃO

Item 7, subitem 7.5.2 do Edital.

Itens		Desconto (por erro)
Ortografia (inclusive acentuação gráfica)	(O)	Até 0,5 ponto
Sintaxe (regência, concordância, colocação pronominal)	(S)	Até 1,0 ponto
Pontuação	(P)	Até 0,5 ponto
Estruturação de Período – coerência e coesão	(EP)	Até 1,0 ponto
Propriedade de Vocabulário	(PV)	Até 0,5 ponto

TABELA VIII – LIMITES DE DESCONTO (adaptado)

Item 7, subitem 7.5.3 do Edital.

Cargo/Especialidades	Limite máximo de desconto por erros decorrentes da inobservância da norma padrão da Língua Portuguesa
Analista Legislativo:	20 (vinte) pontos
Redator Revisor	

[...]

➤ Prova Discursiva

Questão 01

Leia os seguintes trechos.

TRECHO 1

Uma comissão do MEC elaborou uma proposta para que a reforma ortográfica da língua portuguesa comece a ser implantada no Brasil a partir do dia 1º de janeiro de 2009. A reforma prevê, entre outros pontos, o fim do trema e de acentos em palavras como vôo, herói, idéia e assembléia do vocabulário dos países de língua portuguesa.

Trecho adaptado de artigo publicado na *Folha de S.Paulo*. Cotidiano, em 29 de março 2008, sob o título de "MEC quer mudar português já em 2009".

Muito barulho por quase nada. Essa é uma boa descrição da nova reforma ortográfica que o Brasil cogita implementar já a partir do ano que vem. Sob a justificativa de unificar a grafia de todos os países lusófonos, foi celebrado, em 1990, o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa. Na prática, o que o tratado faz é eliminar um pequeno número de consoantes mudas ainda escritas em Portugal ("ótimo", "adoção"), sepultar o trema e promover algumas poucas mudanças nas regras de acentuação e do uso do hífen.

Parece pouco. E, em termos qualitativos, de fato o é. Só que, para proceder às modificações, será preciso empenhar uma energia desproporcional. Entre as providências necessárias, destacam-se a atualização de todos os professores e alfabetizadores do país e a revisão de todo o material didático, para ficar nos itens mais custosos.

(Trecho adaptado do editorial publicado na *Folha de S.Paulo*. Opinião, em 27 de agosto 2007, sob o título de "Sem pressa".)

Há uma reforma ortográfica ameaçando entrar em vigor em 2008 para "unificar" a escrita no Brasil, em Portugal e na África dita lusófona. É uma conspiração de acadêmicos embaçados contra o trema, o acento circunflexo e o hífen. Em Portugal, facto se tornará "fato", e lá se vão as consoantes mudas de que eles, com razão, se orgulham. Tal unificação é inócua na prática. Mesmo escrevendo tudo igual, Brasil e Portugal continuarão com suas ricas e necessárias diferenças de vocabulário.

(Trecho adaptado de artigo publicado na *Folha de S.Paulo*. Opinião, em 01 de setembro de 2007, sob o título de "O autoclismo da retrete".)

Considerando que as idéias apresentadas nos trechos acima têm somente caráter motivador, **REDIJA** um texto **dissertativo**, posicionando-se acerca do seguinte tema:

Reforma ortográfica da língua portuguesa: passo importante para a sua unidade e seu prestígio internacional?

ATENÇÃO – A resposta a ser elaborada deve conter um **máximo** de **12 linhas**.

Questão 02

Leia os seguintes trechos.

TRECHO 1

Para um número cada vez maior de crianças e adolescentes, as bonecas, os carrinhos e jogos deixaram de encabeçar a lista de presentes. Nas telas de cores brilhantes e imagens cinematográficas dos videogames, se desenrola um novo capítulo da história do entretenimento: os jogos eletrônicos ameaçam mandar para a aposentadoria a boneca Barbie e a tradicional indústria de brinquedos [...]

Desde os primeiros Ataris, surgidos em 1972, até os produtos em fase de teste para lançamento em 2005, a indústria de jogos cresceu e se diversificou. A estratégia parece desenhada para a complexidade dos tempos modernos: a criação de mundos paralelos nos quais o jogador pode se projetar cada vez com mais realismo, com uma liberdade de ação e uma variedade de experiências que na vida real seriam inimagináveis. Navegando softwares cada vez mais sofisticados, eles concretizam a anunciada convergência dos meios eletrônicos e revolucionam a indústria de entretenimento. É nos games que o conceito de multimídia se realiza em sua plenitude [...]

(COSTA, Luciano Martins. Universo sem fronteiras. Disponível em:
<http://revistaepoca.globo.com/Epoca/0,6993,EPT87907-1664,00.html>. Acesso em: 21 dez 2004)

TRECHO 2

O pai deu uma bola de presente ao filho. Lembrando o prazer que sentira ao ganhar a sua primeira bola do pai. Uma número 5 sem tento oficial de couro. Agora não era mais de couro, era de plástico. Mas era uma bola.

O garoto agradeceu, desembulhou a bola e disse “Legal!” Ou o que os garotos dizem hoje em dia quando gostam do presente ou não querem magoar o velho. Depois começou a girar a bola, à procura de alguma coisa.

— Como é que liga? — perguntou.

— Como, como é que liga? Não se liga.

O garoto procurou dentro do papel de embrulho.

— Não tem manual de instrução? [...]

(Veríssimo, Luiz Fernando. Seleção de crônicas do livro *Comédias da vida privada*. Porto Alegre: L & PM, 1999. p. 96.)

Considerando as idéias contidas nos dois trechos acima, **REDIJA** um texto **dissertativo** discutindo a influência do entretenimento sobre o comportamento humano.

ATENÇÃO – A resposta a ser elaborada deve conter um **máximo de 12 linhas**.

Questão 03

Leia este trecho.

5 A classe média está menor. Entre 1980 e 2000, sete milhões de pessoas que ocupavam essa faixa da sociedade perderam seus empregos, e não conseguiram recuperá-los. Em consequência, tiveram seu poder de compra reduzido, o padrão de vida rebaixado e, assim, saíram forçadamente da classe B para passar a tomar parte na classe C. Segundo o IBGE, em 1980 os assalariados que participavam do estrato social respondiam por 31,7% da População Economicamente Ativa (PEA). Vinte anos depois, porém, essa participação caiu para 27,1% [...]

10 Por causa da perda de sete milhões de integrantes, a camada média da sociedade está reduzida, hoje, a uma faixa da qual fazem parte 57,8 milhões dos 180 milhões de brasileiros [...] Em todos os seus escalões, a classe média diminuiu de tamanho. A média alta foi a que menos sofreu, variando de 23,2% para 22,8%. Porém, mesmo quem manteve o *status* social está sofrendo outros tipos de perdas. Recursos antes usados para a compra de bens e recreação e cultura passaram, nos últimos tempos, de acordo com o estudo, a ser gastos no pagamento de itens básicos do dia-a-dia. As despesas com habitação, que em 1987 respondiam por 17,6% do consumo total da classe média, ocupavam em 2003 nada menos que 29,5% do orçamento familiar. As despesas com transportes saltaram, no mesmo período, de 8,7% para 16,9%. As compras de bens, enquanto isso, diminuíram drasticamente. No período 1987-2003, o item “aumento de ativo” caiu de 10,8% para 3,9%. Significa a redução de compras de bens como carros e imóveis.

20 (Nascimento, Gilberto. Sete milhões deixam a classe média. *Revista ISTOÉ*, 15 mar. 2006. Trecho adaptado)

EXPLICITE a relação existente entre os segmentos ligados pelas expressões conectivas destacadas nesse texto.

REESCREVA o trecho do texto que abrange a linha 3, a partir de **Em consequência**, até a linha 14, terminando em **dia-a-dia**, substituindo essas expressões por outras a elas equivalentes, sem que haja alteração de sentido do texto e das relações nele presentes.

ATENÇÃO – A resposta a ser elaborada deve conter um **máximo de 30 linhas**.

Questão 04

Leia este trecho:

Parecer rejeita projeto que trata de doadoras de leite materno

Os deputados da Comissão de Educação, Ciência, Tecnologia e Informática da Assembléia Legislativa de Minas Gerais aprovaram, na reunião desta quarta-feira (31/10/07), o parecer de 1º turno do deputado Deiró Marra (PR), que opina pela rejeição do Projeto de Lei (PL) 864/07, de autoria do deputado Ruy Muniz (DEM). A proposição dispõe sobre a isenção de taxa de inscrição para o vestibular e taxa de matrícula da Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG) e Universidade Estadual de Montes Claros (Unimontes), às candidatas que sejam doadoras regulares de leite materno.

Segundo o parecer, o projeto é inconsistente, seja em relação à saúde pública, seja em relação ao sistema educacional de ensino. Para o relator, medidas que tragam benefícios pessoais podem induzir as pessoas a omitir informações relevantes sobre sua própria saúde, com vistas ao usufruto do benefício legalmente garantido. "Campanhas esclarecedoras a respeito do caráter precioso e insubstituível do leite materno para a formação das crianças são o melhor meio de se atender ao objetivo da presente proposição de lei em estudo", disse.

O parecer também aponta que, no que se refere ao aspecto educacional, o projeto de lei em análise também incorre em equívocos, pois as instituições públicas de ensino superior já deixaram de cobrar taxa de matrícula dos seus alunos, motivadas por decisões judiciais. "Quanto a cobrança de taxa de inscrição para o vestibular, trata-se de custo operacional. Parece-nos, pois, que a crescente tendência de conceder isenções para as mais diversas categorias de vestibulandos tornará inviável o próprio vestibular das universidades públicas", concluiu o deputado Deiró Marra.

Presenças - Deputados Deiró Marra (PR), presidente; Ana Maria Resende (PSDB); e Carlin Moura (PCdoB).

(Disponível em http://www.almg.gov.br/not/bancodenoticias/not_663177.asp. Acesso em: 17 fev. 2008)

Com as informações fornecidas nesse texto, **REDIJA** uma **ata** da reunião da Comissão de Educação, Ciência, Tecnologia e Informática da Assembléia Legislativa de Minas Gerais acima noticiada.

ATENÇÃO – A resposta a ser elaborada deve conter um **máximo de 12 linhas**.

Questão 05

Leia este texto.

Gasolina barata e baixo subsídio a ônibus e metrô paralisam SP

Para Ciro Biderman, professor da FGV-SP e do MIT, políticas públicas colocam os carros à frente do transporte coletivo.

MARIO CÉSAR CARVALHO

Da Reportagem Local

Se você gosta de culpar os políticos por todos os males, pode pôr mais uma desgraça na conta: o caos no trânsito de São Paulo. A paralisia da cidade resulta de escolhas políticas, segundo Ciro Biderman, economista que estuda a área e o urbanismo. “Não há alternativa ao carro em São Paulo. É um erro atribuir às pessoas a decisão de usar o carro porque há uma decisão política anterior”, diz o professor da Fundação Getúlio Vargas (SP) e do Massachusetts Institute of Technology (MIT), em Boston. A decisão política anterior, diz, colocou os carros à frente do transporte coletivo. Isso ocorreu quando as cidades brasileiras decidiram seguir o modelo americano, uma mistura de gasolina barata e baixo subsídio ao transporte público. Na Europa, a gasolina é cara e há alto subsídio a metrô e ônibus. É um mito, segundo Biderman, que, na América, ninguém está disposto a trocar o carro pelo transporte público. O melhor exemplo, para ele, é Bogotá, capital colombiana, onde cerca de 85% dos moradores vão ao trabalho de ônibus. Biderman diz que São Paulo precisa de um choque cultural similar ao que foi aplicado em Bogotá.*

FOLHA – Por que São Paulo chegou a esse grau de paralisia?

CIRO BIDERMAN – Foi por causa das opções de política urbana. O modelo americano de cidade tem uma taxa de gasolina muito baixa, pedágios com preços baixíssimos — em Boston custa US\$ 1 [cerca de R\$ 1,70], contra oito libras [cerca de R\$ 26,50] no centro de Londres — e pouco ou nenhum subsídio para o transporte público. O modelo europeu dá subsídio pesado ao transporte público e impõe uma taxa altíssima para a gasolina. Quando toma essa decisão de beneficiar o carro, você traça o destino urbano da cidade. Nas capitais européias, cerca de 70% das pessoas vão ao trabalho de transporte público. Não tem como a elite fugir dessa regra. Nos EUA, com exceção de Nova York, quando 15% vai ao trabalho de transporte público, já é um índice alto. São Paulo fez uma opção americana e só não está pior porque somos pobres. Bastou a renda crescer um pouco para chegar perto do caos.

FOLHA – Cidades como Goiânia e Salvador têm o mesmo problema. O urbanismo brasileiro fracassou?

BIDERMAN – Talvez seja um pouco radical dizer que o urbanismo todo brasileiro deu errado. Mas, olhando por esse lado, você poderia fazer essa afirmação. É incrível como os urbanistas brasileiros, com exceções, ignoram o transporte público. Pegue a USP na zona leste: colocaram a universidade num lugar que não tem transporte.

FOLHA – *Virou lugar comum dizer que a solução é fazer metrô. O que se faz enquanto ele não fica pronto?*

BIDERMAN – É curioso que os corredores de ônibus de Curitiba, dos anos 70, não tenham virado lugar-comum. Em Bogotá, eles fizeram uma opção radical pelos corredores.

FOLHA – *Como?*

BIDERMAN – Como eles não tinham como bancar o metrô, fizeram corredores de ônibus. Nenhum urbanista de lá nega que imitou Curitiba. Hoje, 85% das pessoas vão ao trabalho de transporte público, o que não é usual na América Latina.

FOLHA – *Por que São Paulo é tímida no uso de corredores?*

BIDERMAN – Corredor não está no imaginário da população. Quando se fala de Minhocão, muita gente pensa em derrubá-lo. Mas ninguém fala da possibilidade de transformá-lo num corredor, com ônibus elétricos, sem barulho. Em Bogotá não é só o TransMilenio. Eles aumentaram as calçadas, fecharam ruas. Um dia por mês é livre de carros. Para implantar o transporte público de verdade, você precisa de um choque cultural. Bogotá mostra que é mito essa idéia de que, na América, ninguém abandona o carro.

[...]

FOLHA – *São Paulo não pára de crescer na periferia, enquanto prédios na área central estão abandonados. Dá para reverter esse quadro?*

BIDERMAN – A degradação é perfeitamente reversível. Depende de decisões políticas. Você não pode pensar o centro como um bloco único. Nem tratar usuários de *crack* como um problema urbano. É um equívoco, um problema de saúde pública.

FOLHA – *A prefeitura diz que, sem demolir 23 quadras da cracolândia, o mercado não se interessaria pela área. Faz sentido?*

BIDERMAN – Tem uma lógica por trás disso. O que gera a decadência dos centros históricos é o fato de que o custo para demolir e construir é maior do que simplesmente construir um edifício novo, porque há o custo da demolição. Para contornar esse problema, basta cobrar menos pela terra. O que há de novo nessa equação é que, a partir dos anos 80, em Nova York, as pessoas passaram a reciclar prédios antigos. Eles perceberam que edifícios antigos tinham um grande apelo para o setor de serviços. O Soho é dominado por galerias e lojas.

FOLHA – Você acha que esse valor subjetivo do antigo será incorporado pelo mercado brasileiro?

BIDERMAN – A mesma madame que faz compras no Soho, se tiver segurança, vai achar *cool* comprar na Luz. A Bowery [rua de Nova York] era uma boca de drogas há dez anos e, agora, tem o New Museum, mas tem as lojas que vendem artigos para bares. Obviamente, tem de haver algum tipo de subsídio para as lojas irem para esses lugares.

[...]

Folha de S.Paulo. Cotidiano. Entrevista/Ciro Biderman. 14 de abril 2008. Adaptado.

Lançando mão das principais idéias apresentadas por Biderman nessa entrevista, **REDIJA** um **artigo de opinião**, em linguagem formal. Evite a cópia de qualquer trecho da entrevista em seu texto.

ATENÇÃO – A resposta a ser elaborada deve conter um **máximo de 12 linhas**.

Questão 06

Leia este trecho.

Se com Aristóteles os gêneros textuais se distribuíam em três categorias e se depois passaram a dizer respeito a categorias literárias bastante sólidas que foram se ampliando e subdividindo até entrarem em crise com a crítica do romantismo à estética clássica, hoje a noção de gênero ampliou-se para toda a produção textual. Essa laicização progressiva da categoria levou a que se diluísse a noção de gênero a ponto de podermos indagar que categoria é essa a que chamamos de *gênero textual*. Mesmo assim, é inegável que a reflexão sobre gênero textual é hoje tão relevante quanto necessária, tendo em vista ser ele tão antigo como a linguagem, já que vem essencialmente envolto em linguagem.

As reflexões programáticas de Bakhtin (1979) com a idéia central de gênero como um enunciado de natureza histórica, sócio-interacional, ideológica e lingüística, “*relativamente estável*” levaram a uma série de posições que beiram a incongruência. Ao contrário do que ocorreu, parece que para Bakhtin era mais importante frisar o “*relativamente*” do que o “*estável*”. Contudo, para muitos, o aspecto mais interessante foi a noção de *estabilidade* tida como essencial para a afirmação da forma, mas do ponto de vista enunciativo e do enquadre histórico-social da língua, a noção de *relatividade* parece sobrepor-se aos aspectos estritamente formais e captar melhor os aspectos e as fronteiras fluidas dos gêneros.

Alinhando-se a essa posição, Bazerman (1994) afirmava que, apesar de nosso interesse em identificar os gêneros e classificá-los, parece impossível estabelecer taxonomias e classificações duradouras, a menos que nos entreguemos a um formalismo reducionista. Pois as nossas identificações de formas genéricas sempre terão curta duração. As classificações são sempre recortes do objeto e não agrupamentos naturais, por isso são sempre de base teórica. Para Bazerman, “gêneros são o que as pessoas reconhecem como gêneros a cada momento do tempo”, seja pela denominação, institucionalização ou regularização. Os gêneros são rotinas sociais de nosso dia-a-dia.

Na realidade, o estudo dos gêneros textuais é uma fértil área interdisciplinar com atenção especial para o funcionamento da língua e para as atividades culturais e sociais. Desde que não concebamos os gêneros como modelos estanques nem como estruturas rígidas, mas como formas culturais e cognitivas de ação social corporificadas de modo particular na linguagem, temos de ver os gêneros como entidades dinâmicas. Mas é claro que os gêneros têm uma identidade e eles são entidades poderosas que na produção textual nos condicionam a escolhas que não podem ser totalmente livres nem aleatórias, seja sob o ponto de vista do léxico, grau de formalidade ou natureza dos temas, como bem lembra Bronckart (2001). Os gêneros limitam nossa ação na escrita. Isso faz com que Amy Devitt (1997) identifique o gênero como nossa “*linguagem estandar*”, o que por um lado impõe restrições e padronizações, mas por outro lado é um convite a escolhas, estilos, criatividade e variação.

Existe uma grande variedade de teorias de gêneros no momento atual, mas se pode dizer que as teorias de gênero que privilegiam a forma ou a estrutura estão hoje em crise, tendo-se em vista que o gênero é essencialmente flexível e variável, tal como o seu componente crucial, a linguagem. Pois, assim como a língua varia, também os gêneros variam, adaptam-se, renovam-se e multiplicam-se. Em suma, hoje, a tendência é observar os gêneros pelo seu lado dinâmico, processual, social, interativo, cognitivo, evitando a classificação e a postura estrutural.

Não obstante essa flexibilidade do gênero, precisamos da categoria de gênero para trabalhar com a língua em funcionamento com critérios dinâmicos de natureza ao mesmo tempo social e lingüística. Precisamos ter sensibilidade para os enquadres dos gêneros e não podemos tomá-los como se fossem peças que se sobrepõem às estruturas sociais. Nem são peças que refletem as estruturas sociais. Tal como dizia Carolyn Miller, os gêneros são “*formas de ação*” (1984) e “*artefatos culturais*” (1994), mas também são fenômenos lingüísticos. Não deixam de ser sensíveis à realidade de seu tempo e profundamente envolvidos com as diversas formas de comunicação existentes. Para Miller (1984:152), “*uma definição retoricamente sábia de gênero deve ser criada não na substância ou na forma do discurso, mas na ação que é usada para executá-lo*”. Mais do que uma forma, o gênero é uma “*ação social tipificada*” (Miller, 1984:152), que se dá na recorrência de situações que torna o gênero reconhecível.

(Trecho adaptado extraído do artigo: MARCUSHI, L.A. Gêneros textuais: configuração, dinamicidade e circulação. In: KARWOSKI, Acir et al. (Orgs.) *Gêneros textuais: reflexão e ensino*. União da Vitória (PR): Kaygangue, 2005. Cap. 1, p. 17-34).

REDIJA um **resumo** contendo as idéias expostas no trecho lido.

Na elaboração do resumo, deve-se manter fidelidade ao texto, mas **NÃO** é permitido copiar trechos do texto.

ATENÇÃO – A resposta a ser elaborada deve conter um **máximo de 12 linhas**.